

ELIZETE MARTINS

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE MUSICAL NA INCLUSÃO DOS PORTADORES DE
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

**PONTAL DO PARANÁ
2004**

ELIZETE MARTINS

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE MUSICAL NA INCLUSÃO DOS PORTADORES DE
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista no Curso de Inclusão/Educação Especial pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e DEPSI em convênio com a Secretaria Municipal de Educação – CEAD de Pontal do Paraná.

Prof. Orientadora: Cláudia Cibele Bildinger Cobalchini.

**GUARATUBA
2005**

“O Educador atento... busca incessantemente formas de educar sem massificar, sem causar traumas, transformando o aprender em poesia e sinfonia.” (Marielise Ferreira)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre está comigo.

À minha mãe, pelo seu amor incomparável e dedicação infinita. Por me amar com minhas dificuldades, limitações, defeitos, tristezas e alegrias.

Aos amigos Francisco e Ana Surmasz, que enfrentaram comigo alguns obstáculos, mostrando-me a solução para minhas dificuldades e vibrando intensamente com cada vitória que conquistei.

Aos mestres que dedicaram seu tempo e sua experiência para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, meu carinho, meu afeto, meu muito obrigado.

Aos funcionários do CEAD e da Secretaria Municipal de Pontal do Paraná, que com esforços de seu trabalho, exerceram funções de apoio me proporcionando condições mais dignas de aprendizagem e descobertas, meus agradecimentos.

APRESENTAÇÃO

A presente monografia será apresentada com a finalidade de discorrer sobre “A Importância da Arte Musical na Inclusão dos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais” utilizando-se de recursos musicais disponíveis e utilizáveis em uma metodologia de Ensino.

Iniciaremos, primeiramente, conceituando a música e suas especialidades, tais como ritmo, harmonia, espaço, notas musicais, a pauta e o pentagrama com suas notas musicais, claves e outras, enfatizando também os sons musicais, suas vibrações sonoras graves, médias e agudas e os efeitos que estas produzirão no portador de deficiência auditiva e também visual.

Falaremos da música como arte e conhecimento sócio-cultural, sua evolução desde a antiguidade até os tempos contemporâneos.

Enfatizaremos também sobre a família instrumental, descrevendo sobre alguns instrumentos musicais que sirvam de apoio à execução do trabalho a ser realizado na inclusão do portador de necessidades auditivas e visuais.

Sabemos que a variedade de instrumentos disponíveis à educação na atualidade é muito grande. Além dos materiais pedagógicos como computadores, máquinas de braille, CDs, DVDs, leitura labial, Libras – a Língua dos Sinais, há também alguns instrumentos musicais que muito auxiliarão o professor a realizar seu trabalho com muita eficiência e eficácia, pois através das vibrações produzidas por estes instrumentos musicais fabricados industrialmente ou improvisados com sucatas, os quais produzirão sons que chegarão ao aparelho auditivo de uma determinada porcentagem de portadores de deficiência auditiva e visual e promoverão uma aprendizagem com mais rentabilidade frente a processo do ensino convencional.

Portanto, enfatizaremos sobre este tema com a finalidade de despertar o interesse do educador para a área musical, como instrumento de apoio de seu trabalho pedagógico e, ao mesmo tempo, reforçando um trabalho que só vem sendo utilizado em minha escola, Escola de Ensino Especial Prof. Arlete do Nascimento – APAE com sucesso.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	vi
INTRODUÇÃO	01
JUSTIFICATIVA.....	02
OBJETIVO GERAL.....	02
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	03
CAPÍTULO I	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	04
1. MÚSICA.....	04
2. A MÚSICA COMO ARTE E CONHECIMENTO SÓCIO-CULTURAL.....	06
3. DIVISÃO DOS INSTRUMENTOS SONOROS.....	06
4. A EVOLUÇÃO DA MÚSICA DESDE A ANTIGUIDADE.....	07
5. ROMANTISMO.....	13
6. O SÉCULO XX.....	14
7. A MÚSICA BRASILEIRA.....	16
CAPITULO II	
1. HISTÓRICO DA ARTE NO MOVIMENTO APAEANO NO BRASIL.....	21
2. A ARTE NA EDUCAÇÃO.....	22
3. EXPRESSÃO CORPORAL E A DANÇA COM DEFICIENTES VISUAIS.....	24
4. DEFICIENTES AUDITIVOS E A LINGUAGEM CORPORAL E MUSICAL.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIA BIBIOGRÁFICA.....	28

I – INTRODUÇÃO

Com a mudança da concepção sinalizadora dirigida a indivíduos portadores de necessidades auditivas e visuais pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, tido como reflexos dos movimentos internacionais pela inclusão social, aponta-se um redimensionamento da Educação Especial, ampliando-se não apenas a sua abrangência desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, bem como o público alvo a que se destina: alunos com necessidades educacionais especiais.

A adoção da terminologia necessidade educacional especial para referir-se às crianças, adolescentes e adultos, cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade direcionada ao processo de aprendizagem tem o propósito de deslocar o foco das condições pessoais do aluno que possa interferir em sua estrutura cognitiva para direcioná-lo às respostas educativas que ele requer.

As necessidades especiais são definidas pelos problemas de desenvolvimento da aprendizagem apresentado pelos alunos em caráter temporário ou permanente, bem como pelos recursos e apoios que a escola deverá proporcionar, objetivando a remoção das barreiras para a aprendizagem. Estas compreendem:

- Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionada a distúrbios, limitações ou deficiências;
- Dificuldades de comunicação e sinalização demandando a utilização de outras línguas, linguagens e códigos aplicáveis;
- Condutas típicas de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos;
- Superdotação/altas habilidades.

Como vemos, o leque de necessidades especiais abre-se em ramificações diferentes de casos especiais. Cada caso requer um tratamento e uma atenção especial. Requer conhecimento e preparo do profissional da educação especial por isso, este profissional deverá utilizar-se de todos os recursos possíveis e disponíveis para que, através do mesmo, consiga oferecer ao educando portador de

necessidades educacionais especiais um ensino de qualidade, objetivando modificar os comportamentos deste aluno, para que passe do “*não tenho condições de fazer*” para, pelo menos “*vou tentar fazer*” ou “*já consigo fazer*”.

Para tanto, um dos recursos que queremos utilizar é a *arte musical*, fazendo com que através dos recursos que a música oferece, o educando possa realizar sua inclusão normalmente e ao mesmo tempo satisfatoriamente.

II – JUSTIFICATIVA

A presente monografia irá enfatizar sobre a importância da inclusão social dos portadores de necessidades especiais através da arte musical. Este trabalho já vem sendo realizado por mim e por outros profissionais da área inclusiva em minha instituição educacional acima citado, na qual utilizamos alguns instrumentos musicais tais como, teclados, pianos infantis, tambores e outros instrumentos de percussão, de maneira que os educandos conseguem perceber as vibrações produzidas pelas notas musicais advindas da utilização desses instrumentos induzindo-os a se expressarem através de gestos, movimentos rítmicos das mãos, olhares e até mesmo da expressão facial, sinais de compreensão e entendimento dos sons produzidos. Motivados pelo som, os educandos sorriem, dançam, batem palmas, pulam e ensaiam alguns passos cadenciados e sincronizados com a música.

Observamos que este recurso musical oferece retorno satisfatório e, por isso, procuramos aprofundar e aplicar mais estudos dos recursos na arte musical em relação à metodologia aplicada em salas especiais.

III – OBJETIVO GERAL

A educação musical nas escolas especiais como instrumento que favorece a inclusão social do aluno deverá promover a socialização do educando em seu grupo de interatividade, fazendo com que a criança vivencie situações com as quais futuramente poderão deparar-se ao longo de sua vida.

IV – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular a curiosidade do educando para o conhecimento de si e do mundo em que vive, utilizando-se de meios que a arte musical possa lhe proporcionar;
- Despertar o interesse a ouvir música, cantar e movimentar-se individualmente ou em grupo através de sons, melodias, ritmos, vozes e instrumentos diversos;
- Proporcionar experiências que exijam a participação do aluno, mobilizando seu corpo, seus sentimentos, sua afetividade, sua inteligência, sua imaginação e sua expressividade;
- Adquirir hábitos de concentração para oportunizar o órgão sensorial afetado a receber as vibrações dos sons musicais;
- Desenvolver uma linguagem não verbal através do ritmo das palmas da mão;
- Marcar passos cadenciados com a ajuda e monitoramento do professor;
- Demonstrar através de movimentos manuais as vibrações recebidas ao toque de um instrumento musical;
- Tornar o ouvido alerta e sensível a todo tipo de som, desenvolvendo sua acuidade para escutar (ou seja, reconhecer, identificar e discriminar situações).

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. MÚSICA

1.1. O que é música?

A música seria uma linguagem? Uma manifestação que nos atinge profundamente? Ou simplesmente uma sucessão de sons?

“Música é a ciência que pode fazer-nos rir, cantar e dançar”

(Guillaume de Machaut, séc. XIV).

“A música é uma disciplina que torna as pessoas mais pacientes e doces, mais modestas e razoáveis (...) ela é um dom de Deus e não dos homens. (...) Com ela se esquecem a cólera e todos os vícios. Por isso não temo afirmar que depois da teologia nenhuma arte pode ser equiparada à música” (Martinho Lutero, séc. XVI).

“Assim como as paixões, violentas ou não, jamais devem ser expressa de forma a produzir asco, a música, ainda que nas situações as mais terríveis, nunca devem ofender os ouvidos, mas agradar, continuar a ser enfim” (W. Amadeus Mozart, séc. XVIII).

“A música é a linguagem do coração humano.” (Wagner, séc. XIX).

“A Música expressa a natureza inconsciente deste e de outros mundos”. (a Schoenberg, séc XX).

“Arte e ciência de combinar sons de modo agradável ao ouvido”. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, séc. XX) (TINHORÃO: 1988, 01,02).

Se qualquer tipo de som (“agradável” ou “desagradável”) estiver fazendo parte de uma organização, isto pode ser música. A música como qualquer outra arte é uma linguagem inventada pelo homem.

Os sons culturais são criados pela cultura humana. A música é um som cultural, pois ela foi criada pelo homem. O grande número de máquinas, motores e aparelhos também produzem sons culturais.

A nossa audição recebe, continuamente, diversos tipos de sons naturais e culturais. Estes sons podem nos causar, conforme o momento, efeitos agradáveis e desagradáveis.

Entre os sons culturais desagradáveis, geralmente encontramos aqueles que são causados pela imensa quantidade de automóveis, ônibus, caminhões, fábricas e oficinas que existem nas grandes cidades. Estes sons desagradáveis causam poluição sonora, um problema capaz de provocar danos à saúde física e mental da população destas cidades.

Para fazer música, um compositor pode utilizar qualquer som que exista. A maioria dos compositores prefere fazer música somente com instrumentos musicais. Porém, há outros que misturam todos os tipos de som em suas obras com a finalidade de despertar nos ouvintes ou naqueles que se utilizam dos sons musicais o despertar da criatividade, da sensibilidade e da mudança de comportamento.

Todo o universo auditivo poderia se resumir a este enunciado: *entre o ruído e o silêncio nasce a música*.

Pode-se dizer ainda: entre o ruído e o silêncio nasce o ritmo. O ritmo está presente no mundo inorgânico e também na vida. Indica uma espécie de ordenação no universo, como as batidas do coração, num ritmo constante. Cabe-nos aqui dissertar a cerca dos elementos da música para que se torne mais natural a compreensão do que afirmamos sobre a música.

1.2. Elementos da Música

1.2.1. Ritmo

É o elemento mais essencial da música: determina seu movimento e sua palpitação. Intimamente ligado ao fator tempo, o ritmo impõe à música aquela acentuação característica, feita de impulsos repousos.

1.2.2. Melodia

Uma sucessão de sons musicais que se combinam, que se estruturam e que se coordenam de modo a expressarem uma mensagem.

1.2.3. Harmonia

É o conjunto de sons executados ao mesmo tempo, ou seja, simultaneamente, com a função de tornar a melodia mais rica. É o famoso “acompanhamento”, que ouvimos, por exemplo, quando alguém toca e canta violão. O canto é a melodia e o violão faz a harmonia e o ritmo.

2. A MÚSICA COMO ARTE E CONHECIMENTO SÓCIO-CULTURAL

A música deve ser entendida como arte e conhecimento sócio-cultural, que foi se transformando e se modificando com o passar do tempo, diretamente ligada à história dos homens.

3. DIVISÃO DOS INSTRUMENTOS SONOROS

A música, uma das principais variantes artísticas do homem desde o período mais remoto de sua existência, foi, ao longo dos tempos evoluindo, ficando mais arrojada e apresentando uma série de novos instrumentos de acordo com a necessidade de sua evolução. O homem, para alcançar cada vez mais um som harmonioso e sensível, foi inventando instrumentos mais precisos e mais elaborados para que as melodias fossem compostas por sons diferentes. Baseado nesta premissa, abrimos um item para falarmos da divisão dos instrumentos musicais para termos uma idéia dos sons que compõem uma melodia.

3.1. Cordas

São os mais importantes instrumentos na orquestra. Fabricam-se com madeira e cordas especiais. São eles: o violino, o violoncelo e o contrabaixo.

3.2. Sopro-Madeiras

Todos estes instrumentos eram outrora feitos de madeira, mas atualmente muitos são construídos de metal ou matéria plástica. Cada instrumento é, em sua essência, um cilindro oco. Os sons variam com a posição dos lábios e a forma que lhe damos enquanto sopramos e também quando se abrem orifícios que existem no tubo. São eles: o flautim, a flauta, o clarinete, o fagote, o oboé.

3.3. Sopro-Metals

Os músicos sopram nestes instrumentos através de um bocal. Quanto mais longo o tubo, mais profundo e forte o som que o instrumento transmite. As bandas

militares em geral são formadas por muitos desses instrumentos. São eles: o saxofone, a trompa, a tuba, o trombone e o trompete.

3.4. Percussão

Percutir é sinônimo de golpear, bater. Para fazer música com estes instrumentos, é preciso bater ou agitar as partes sonoras. Na orquestra sinfônicas são utilizados: o bombo, os timbales, o carrilhão e o xilofone. Outros conjuntos utilizam vários instrumentos de percussão, cuja importância vem aumentando tanto que já existem vários grupos exclusivamente formados por percussionistas. Exemplo: Olodum, Ilê-ayê, Timbalada e outros.

4. A EVOLUÇÃO DA MÚSICA DESDE A ANTIGUIDADE

A história da música remota desde os tempos que os primeiros homens habitavam a Terra. Ainda antes de o homem começar a fazer instrumentos, é possível que fizesse música através de uma mistura de gritos, de bater com os pés, de bater palmas e de bater com outros materiais encontrados na natureza.

Na altura em que se formava as primeiras grandes civilizações do Mundo Antigo, já se usava uma grande variedade de instrumentos musicais.

A maior parte dos sinais da atividade musical no Mundo Antigo é dada pelas pinturas. No Egito, muitos dos músicos reais eram mulheres e eram muitas vezes, sepultados perto dos túmulos reais, pela grandeza de sua arte. Dançarinos e tocadores de flautas acompanhavam o trabalho nos campos e o pisar das uvas.

Nas civilizações mais antigas, os músicos eram considerados muito importantes, estando imediatamente abaixo dos reis e dos padres. Isto se verifica especialmente na Assíria. Quando os seus exércitos conquistavam uma cidade antiga, poupavam sempre a vida aos músicos.

A música também era importante nas cerimônias dos templos, onde tocavam flautas e sistros, (uma espécie de guizos). Os instrumentos de prata e de bronze, como as trombetas, eram principalmente usados pelo exército.

A palavra "música" teve sua origem nos antigos gregos. Chamavam-na de ***mousike***, em homenagem as nove musas, deusas da inspiração.

Os gregos atribuíam muita importância à música. Em Atenas celebrava-se todos os anos uma competição de canto. Cada bairro formava um coro e cantava um *dítirambo*¹. As pessoas vestiam roupas especiais e também havia danças. Os gregos também entoavam canções nas praças de teatro representadas nas festas em honra ao deus Dionísio.

Em Roma, assim como na Grécia, as peças de teatro e as lutas de gladiadores eram acompanhadas por música. Usavam-se trombetas, pratos, flautas e tambores. Os cantores davam grandes concertos² e eram geralmente muito bem pagos. O imperador Nero, que cantava e tocava cítara³, deu um concerto no teatro de Pompéia em 65 d.C. No ano seguinte, fez uma turnê pela Grécia, como cantor. Malabaristas e acrobatas faziam representações nas ruas da cidade, acompanhados por tocadores de flauta e de pandeiros.

A música no Médio Oriente desenvolveu-se a partir das tradições e dos instrumentos das civilizações antigas, da religião, e é muito diferente da música que se desenvolveu na Europa. Tal como na África e no Extremo Oriente, a música é acompanhada por instrumentos que dá ritmo. A música nunca teve um papel muito importante na religião muçulmana, que é seguida em todo o Médio Oriente, uma vez que foi proibida pelo profeta Maomé, fundador da religião. Contudo, desde o séc. VII, a música apresentou um papel importante na vida das cortes e dos palácios dos governantes, como o sultão de Bagdá. Hoje em dia, as músicas dos povos árabes são muito conhecidas. O tom é produzido por um instrumento de sopro ou por um cantor, enquanto o ritmo é dado pelos tambores. Embora haja geralmente muitos músicos, não há orquestras sinfônicas como que conhecemos.

4.1. A Influência da Música Árabe na Europa

A música árabe teve uma grande influência na música europeia. Instrumentos como o “ud” e o “rebad” passaram a se chamar “alaúde” e “rabeça”. Mais tarde, o alaúde deu origem ao violão. Entre os séculos VII e XV, árabes do Norte da África invadiram e ocuparam grandes zonas da Espanha. Fundaram em Córdoba uma Escola de Música e, atualmente, muitas danças espanholas têm sons árabes. Os instrumentos usados pelas bandas do exército turco foram adotados pelas bandas militares da Europa.

Nas aldeias africanas, música e dança fazem parte da vida de cada um. Todas as ocasiões importantes, como o nascimento de um bebê, um casamento ou um funeral, são acompanhadas por música.

A música africana não se escreve, é memorizada e transmitida de geração para geração.

Os músicos africanos usam uma grande variedade de instrumentos, especialmente instrumentos de percussão. O tambor *donno*, da África Ocidental, parece uma ampulheta chamada de *kalungu*, e uma lira chamada *kissard'água*.

Em muitas línguas africanas, o significado das palavras pode variar conforme o tom em que são pronunciadas. Um tamborileiro pode imitar o modo como os africanos falam, alterando o aperto da pelo do tambor e batendo nele diferentes lugares.

4.2. Fabricação de Instrumentos

Na África, os instrumentos são fabricados de madeira, encontrada nas imediações da aldeia. Os tambores são feitos de tronco oco de árvores, com peles de animais nos topos. As abóboras são usadas para xilofones e guizos.

A música produzida nos países do Oriente é feita há muitos séculos e preservada até hoje.

4.3. Idade Média

Com a extinção do Império Romano no século VII, muitas das artes que tinham se desenvolvido no Mundo Antigo, morreram com ele. Havia, também, menestréis que continuaram as tradições dos músicos, dos acrobatas e dos malabaristas das ruas romanas. Alguns vagueavam de cidade em cidade, outros eram empregados pelos nobres. Foi durante este período que se começou a escrever a música.

Grande parte da música de Igreja era cantada numa forma chamado cantochão. O coro de monges (somente homens) cantava uma melodia simples em latim. É freqüentemente chamado canto gregoriano, porque muitas das regras do seu uso foram estabelecidas quando Gregório Magno era Papa. Algumas igrejas

tinham órgãos, embora não fossem muito usados. A Igreja Católica proibiu naquela época o ritmo e a dança.

4.4. Menestréis

Os menestréis eram pessoas que cantavam e compunham as músicas profanas da Idade Média. Havia vários tipos de menestréis. Os músicos saltimbancos incluíam freqüentemente malabaristas e acrobatas em suas apresentações.

Neste período da sociedade, a Igreja Católica, para manter sua hegemonia dominante, proibia qualquer tipo de manifestações artísticas, as quais eram consideradas profanas, com exceção do canto gregoriano.

4.5. Renascimento

Durante o século XV, ocorreram grandes transformações na Europa, especialmente no modo como as pessoas pensavam o mundo em que viviam. Novas concepções, idéias e atitudes afetaram todos os aspectos da sociedade: política, religiosa, científica e, sobretudo, a artística, nascendo, dessa maneira, uma nova filosofia de vida: o antropocentrismo, em contraposição ao teocentrismo que dominou toda a Alta Idade Média.

Na música houve muitas mudanças. A música da Igreja era importante, mas muitos compositores trabalhavam nas cortes dos governantes ricos e também compunham música profana. Começou-se a compor música para instrumentos e para vozes, de uma maneira muito diferente daquela que vimos na Idade Média.

Os reis e os nobres eram figuras poderosas que contratavam os músicos profissionais que compunham músicas profanas e sacras para os papas, conforme as encomendas.

Durante o Renascimento, os madrigais tornaram-se muito populares. São cantigas (normalmente sobre o amor) para pequenos grupos de vozes sem qualquer instrumento a fim de acompanhá-los. Os madrigais tiveram sua origem na Itália e eram entoados em todas as ocasiões, especialmente em festas.

Grande parte da melhor música deste tempo era composta para a Igreja. Depois da Reforma Protestante, feita por Lutero, alemão que protestou contra

algumas posições da Igreja Católica e fundou a Igreja Luterana, os protestantes começaram a compor música para ser cantada por toda a congregação e não apenas pelo coro oficial da Igreja, começaram também a escrever as letras no vernáculo próprio de seu país e não em latim, como era exigência da Igreja Católica.

4.6. Música Erudita

Nesta época (1575 – 1750) já é bem evidente a separação entre a música chamada erudita, que era composta através de partituras escritas, e a música popular que era feita sem preocupação de registro escrito por pessoas comuns.

(TINHORÃO:

No período chamado Barroco, a música desenvolveu-se em formas que hoje podem ser mais facilmente reconhecidas. O modo como a música era escrita começou a mudar. O violino tornou-se, pela primeira vez, um instrumento bastante e os instrumentos de teclas, como o cravo, foram mais utilizados. Mas, entre todas as novas idéias, a desenvolvida com mais êxito foi a ópera. A ópera é uma tentativa de se fazer uma obra de arte completa onde a música, o teatro, as artes plásticas, a literatura e um pouco de dança se reúnem num mesmo espetáculo. Um dos primeiros compositores de ópera foi Cláudio Monteverdi, cuja ópera ORFEU, foi apresentada pela primeira vez em 1607.

A idéia de ópera veio de um grupo de poetas e compositores que se juntaram em Florença na última década do século XVI. O tipo de música usado em peças nesta época era complicado. Então, imaginaram uma peça grega, música simples para o cantor e um acompanhamento também muito simples. A este novo estilo, chamaram de *recitativos*.

O violino, a viola de arco e o violoncelo foram instrumentos que se tornaram muito populares nesta época e são usados até hoje em orquestras sinfônicas. Ainda hoje, o violino é o instrumento mais importante da orquestra.

Originalmente, os violinos eram instrumentos de música para dançar.

4.7.. O Cravo

Do século XVI ao XVIII, o cravo foi o instrumento de tecla mais importante. O cravo é o instrumento que deu origem ao piano. Cada vez que se toca em um tecla

de cravo, uma espécie de “pinça” belisca uma corda esticada de onde provém o som.

A corte francesa foi a que teve a mais destacada na utilização desse instrumento. O rei Luis XIII e seu filho Luis XIV eram amantes da música e esforçavam-se por contratar os melhores músicos e artistas. Luis XIV tinha uma orquestra de 24 violinos que, mais tarde, foi copiada por Carlos II da Inglaterra. Luis XIV também estudou guitarra e cravo e organizava “ballets” no seu palácio em Versailles, nos quais ele aparecia regularmente.

Por volta de 1700, desenvolveu-se muitas formas instrumentais (música apenas para instrumentos sem cantores). Na primeira metade do século XVIII estes instrumentos musicais foram mais desenvolvidos, mais aperfeiçoados para emitir um som muito mais harmonioso para ser apresentado em solo. Alguns compositores deste período são considerados os maiores de todos os tempos. Embora a música ainda estivesse fortemente associada à Igreja, a música para entretenimento começou a tomar-se mais importante, tendo-se assistido, neste período, os primeiros concertos públicos e o surgimento de pequenas orquestras.

4.8. O Classicismo

Embora se costume chamar “clássico” a toda a música erudita, o período clássico refere-se à segunda metade do século XVIII. Foi então que se desenvolveram muitas formas de música, tais como a sinfonia, a sonata e o concerto. Pode-se ver melhor este desenvolvimento no trabalho de Mozart e de Hydn.

No período clássico, Viena era o centro da música mais importante e a maior parte dos compositores famosos deste período viveu ou trabalhou nesta cidade pelo menos durante algum tempo. Os músicos, nesta época, ainda eram “funcionários” das cortes e compunham peças para as festas da nobreza, datas comemorativas, etc.

Mozart não aceitou estes padrões para sua vida e resolveu ser músico por conta própria, para ser livre e poder compor conforme sua inspiração. Lembramos, ainda, que Mozart não tomou esta atitude sozinho, pois o espírito da Revolução Francesa que tirou a nobreza do poder já estava se disseminando na Europa – a

Revolução aconteceu em 1789. Infelizmente, Mozart ficou pobre e morreu jovem e doente.

Seu nome completo era Wolfgang Amadeus Mozart e tinha apenas seis anos quando deu seu primeiro concerto. Aos nove anos, compôs sua primeira sinfonia.

Nunca foi difícil para Mozart compor música, embora só tivesse 35 anos quando faleceu, conseguiu compor 41 sinfonias e 27 concertos para piano, assim, como algumas das óperas mais famosas do mundo. Mozart montou algumas de suas óperas rompendo com os cenários tradicionais da Antiga Grécia ou Roma. “As Bodas de Fígaro”, representada em 1786, foi considerada arrojada, visto que criticava os nobres.

Outro compositor que se destacou na música erudita foi Franz Joseph Haydn que durante a maior parte de sua vida, trabalhou para o príncipe Esterhazy na Hungria (então parte do Império Austríaco), onde compunha um trabalho quase todas as semanas.

Haydn compôs ao todo 104 sinfonias, assim como música para quartetos de cordas. Um quarteto é constituído por dois violinos, uma viola e um violoncelo. É uma forma importante de música de câmara – música originalmente destinada a ser tocada em casa. Até meados do século XIX, os quartetos raramente tocavam em público.

Não menos destacado por suas belas composições, o compositor Ludwig Van Beethoven brilha entre os artistas eruditos da era romântica. Era também um grande pianista e tocou todos os seus cinco concertos para piano nas primeiras apresentações ao público.

Beethoven começou a ficar surdo com 30 anos e poucos anos, mas continuou a compor até sua morte, cerca de 20 anos mais tarde.

Beethoven compôs nove sinfonias. Na nona, incluiu cantores e um coro no último andamento. Até então, as sinfonias apenas utilizavam os instrumentos da orquestra.

5. ROMANTISMO (1800 – 1910)

No século XIX, o movimento romântico influenciou todas as artes. Na música, os compositores queriam agora expressar os seus sentimentos e emoções.

Beethoven e Schubert conduziram o movimento de passagem do período clássico ao romântico. Este movimento foi continuado pelos compositores Chopin, Berlioz, Schumann, Mendelssohn, Liszt e Wagner. Neste tempo, Paris e Viena eram os principais centros de música da Europa. Os concertos públicos de música tornaram-se mais populares, especialmente os de piano e orquestra.

Dois dos mais famosos músicos deste período foram Frederic F. Chopin, polonês e Franz Liszt, húngaro. Ambos eram brilhantes pianistas e compositores de música para piano e passaram a maior parte de suas vidas em Paris. Liszt desenvolveu o “poema sinfônico”, uma peça musical para orquestra que tenta contar uma história. Chopin baseou em muitas de suas composições em danças, tais como a mazurca, a valsa e a polca.

O verdadeiro nome de um piano é “pianoforte”, que significa “suave-forte” em italiano. Foi inventado na Itália em 1710 e tornou-se muito popular no período clássico. No piano, as cordas são percutidas por martelos; quanto mais forte se bater às teclas, maior é a intensidade do som.

6. O SÉCULO XX

O início do século XX foi marcante para a história da música. Os compositores se libertaram da maneira tradicional de fazer música e criaram novas formas. A partir de então, as composições musicais não teriam que ter necessariamente uma melodia, um acompanhamento harmonioso: já se podia fazer música somente com instrumentos de percussão, com objetos do dia-a-dia, com rádios, sem esquecer dos instrumentos tradicionais, que começaram a ser utilizados de maneiras diferentes.

As músicas ganharam a liberdade popular e não era preciso apresentar um requisito para compor nessa época, pois o domínio popular enfatizou a criação de inúmeros estilos, como podemos ver a seguir.

6.1. Blues

O Blues foi a primeira e principal forma de manifestação cultural especificamente negro-americana. Deu origem ao Jazz, Rock'n'roll, Disco, Música Pop e Country.

É no diário de Charlotte Forten que aparece pela primeira vez o termo “blues”. Charlotte era uma negra nascida livre no Norte, quetinha estudado e se tornado professora. Depois de alguns anos de ensino no Estado de Maryland, decidiu ensinar a ler aos escravos de Edito Island, na Carolina do Sul e aí morou de 1862 a 1865. No domingo de 14 de dezembro de 1862, escreveu, transtornada pelos gritos que subiam dos bairros de escravos:

Voltei da Igreja com o blues. Joguei-me sobre o leito e pela primeira vez, desde que aqui cheguei, me senti muito triste e muito miserável”.

Ela não define as relações eventuais do blues com a música, mas nota alguns dias mais tarde, falando da canção Poor Rosy:

“Uma das escravas me disse: Gosto de Poor Rosy mais do que qualquer outra canção, mas para cantá-la bem é preciso estar muito triste e com o espírito inquieto.”

Apesar deste registro que temos no diário de Charlotte, não há explicação escrita quanto ao nascimento do termo “blues”.

6.2. O Jazz

O Jazz é um estilo que se desenvolveu no Estados Unidos e que influenciou muito a música do mundo todo. Neste estilo, os músicos são, às vezes, mais importantes que o compositor porque durante a apresentação de uma orquestra, os instrumentos devem fazer uma espécie de “composição instantânea”, ou seja, improvisar melodias e ritmos baseados na idéia original do compositor. Ressaltamos que, apesar de ser um gênero popular, o músico de Jazz deve ter um grande conhecimento musical para poder improvisar bem.

O Jazz foi muito popular nos anos 30 e 40, época das famosas “big bands”, que eram orquestras especializadas em Jazz.

A partir dos anos 20, o rádio contribuiu muito para que mais pessoas tivessem acesso à música. As gravações também permitiram que se pudesse conhecer a obra de vários compositores, o que antes só era possível ao vivo.

6.3. Rock and Roll

Nos anos 50 surge o rock´n roll que foi evoluindo até o rock de hoje, o qual é bem diversificado.

No século XX, a música se utiliza de tudo o que está à mão. Hoje se faz música com computadores ou latas. Há espaço para tudo. A música popular e a erudita se influenciaram mutuamente. A humanidade realmente abriu os ouvidos para ouvir esse conjunto de sons que sai propaga por todos os cantos do mundo.

No Brasil, essa tendência musical fez surgir muitas bandas nos anos 80, cantando letras recheada de manifestações de rebeldia contemporânea. As principais bandas que obtiveram destaques foram Titãs, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Barões Vermelhos e outras.

7. A MÚSICA BRASILEIRA

7.1. Séculos XVI e XVII

Todo povo tem sua história musical. A melhor forma de entendermos a importância da música, o que ela representa para o povo como diversão e lazer, a sua função social e política nos diferentes momentos históricos pelos quais passam as sociedades é sondando suas origens.

No Brasil, em toda a sua história, desde os tempos coloniais até hoje, a música marcou sua presença com menos ou mais intensidade. A nossa música é muito rica porque se desenvolveu sob a influência de três raças: a negra, com os escravos vindos da África; a branca, representado pelo europeu e a indígena, cujo autoctonia de suas origens contribuiu em todas as diversas parte da cultura brasileira. Todas essas raças interagindo, criaram novas formas musicais que ao longo da história foi se amalgamando e moldando a música brasileira.

A música indígena, por exemplo, desenvolveu-se em cada tribo de modo diferente, de acordo com a maneira de se expressar musicalmente e com os instrumentos retirados da natureza que lhe são próprios. Ela está presente nos ritos de caça, pesca, plantação, colheitas, bem como nos de passagem como nascimento, casamento e morte.

O mais primitivo dos estilos brasileiros é o cateretê. Trata-se de música e dança de origem Tupi, que, depois foi influenciada pela dança dos negros. A história não conseguiu registrar o cateretê original, pois logo chegaram os jesuítas com o canto gregoriano e, no processo de catequização dos índios, as duas se misturam. Além disso, os jesuítas fizeram com que os índios trocassem seus instrumentos

rústicos (feitos de ossos e cabaças) pelo órgão, flauta, violino e outros instrumentos da Europa.

Ainda no século XVI, em 1549, chegava à colônia o negro vindo da África e, com ele, sua música. Forma-se no Brasil, nesse momento, uma mistura de três povos, três culturas diferentes que seriam a base da cultura brasileira.

O acervo musical da época era constituído de cantochão das missas, do hinário religioso católico, dos toques e fanfarras militares e das cantigas européias (música dos colonizadores) e de músicas indígenas com instrumentos de sopro, maracás e bate o pé e, ainda, de músicas rituais africanas a à base de percussão.

A música que passou a ser feita no Brasil foi uma grosseira imitação da música sacra européia, cuja melodia pertencia à cultura do branco, ao passo que o ritmo e a cadencia eram do negro. A participação do elemento indígena era pequena, porque a catequização dos jesuítas fez com que o índio assimilasse a música “divina” dos brancos.

7.2. Música Erudita Brasileira

A música erudita brasileira foi incentivada pela corte portuguesa. Um dos primeiros compositores foi o padre José Maurício Nunes Garcia (1767 – 1830), que aos 17 anos já compunha e era fortemente influenciado pela música barroca italiana. Sua obra prima fora “Missa de Réquiem”, composta para missa da morte da soberana portuguesa D. Maria I.

Outros nomes seguiram o do padre Nunes Garcia e, entre eles, o de Francisco Manuel da Silva (1795 – 1865), que, entre vários feitos, leva o crédito de ser um dos autores do Hino Nacional Brasileiro.

O primeiro compositor brasileiro a alcançar projeção foi Carlos Gomes, que conquistou a platéia italiana com sua ópera “O Guarani” composta em 1870, que, desde os anos 30 até hoje é a introdução de abertura do noticiário “A Hora do Brasil”.

O segundo compositor de renome internacional na música erudita brasileira foi o carioca Heitor Villa-Lobos, que desde de cedo entrou em contato com vários instrumentos, principalmente o violão. As várias viagens que fez pelo Brasil, pesquisando a música popular e o folclore, forneceram-lhe matéria-prima para suas composições, que constituem uma síntese bem sucedida entre as raízes musicais

brasileiras e as influências estrangeiras, do que resulta uma música de valor universal. Sendo iniciador do modismo musical brasileiro, seu trabalho sofreu inicialmente alguma resistência, mas a seguir, alcançou reconhecimento internacional. Sua produção abrange vários gêneros, como ópera, sinfonia, música de câmara, música sacra e música para piano. Uma das obras mais conhecidas, “As Bachianas”, constitui uma síntese muito original entre elementos do folclore brasileiro e a música de Bach.

Cabe notar que os expoentes da música erudita brasileira sofreram influência do samba, da polca, do choro, do xote, da mazurca, da quadrilha, do tango, do maxixe e outras, como ocorre com a obra de Francisco Mignone e de Camargo Guarnieri.

Outros compositores eruditos podem ser citados por seus méritos, como: Radamés Gnattali (1906 – 1988) e Marlos Nobre (1939).

7.3. A Música Popular Brasileira

Foi necessário muito tempo para que surgisse um gênero musical que pudesse ser reconhecido como brasileiro e popular, composto por autores conhecidos, divulgados através de partituras ou de gravação (discos, fitas ou videotapes).

Um dos principais compositores de música popular de quem temos notícia foi Domingos Caldas Barbosa, que, em meados do século XVIII, cantava “A minha iaiá” pondo em relevo o sentido entre ser escravo e ser escravo do amor por “iaiá”.

Mas é somente a partir da segunda metade do século XIX, por causa das diferenças sociais que começaram a existir nas grandes cidades, que a história da música popular brasileira iria tomar novos rumos, principalmente nas duas maiores cidades do Brasil colonial – Salvador e Rio de Janeiro. Esta produção no setor da música fez-se representar pelos gêneros da modinha, do lundu, da dança e do maxixe que surgiram como novas formas de lazer do povo da cidade. Como diversão em geral, apareceram os cafés-cantantes, os teatros de revista e, mais tarde, as casas de chope e os desfiles de carnaval.

Nos últimos anos do século XIX, ainda marginalizada, a população negra se refugiava nos morros, onde exercitava seus batuques e rodas de capoeira, fazendo surgir um dos gêneros mais representativos da música popular brasileira: o samba.

Vários nomes ajudaram a construir essa música tão rica que o Brasil tem, tais como Chiquinha Gonzaga que foi uma das maiores compositoras da música popular brasileira e popularizou a modinha. Uma de suas obras eternizadas é “O abre-alas”. Foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

Destaca-se também Ernesto Nazaré que em 1910 compôs o chorinho “Odeon” que vem sendo gravado até hoje. Outro compositor de não menos destaque é Dongas que compôs “Pelo telefone” em 1917, tomando-se o primeiro samba gravado na era das gravações mecânicas. O compositor que mais se destacou no cenário da música popular brasileira na metade do século XX foi Pixinguinha, autor de “Carinhoso” que até hoje faz sucessos, sendo regravado por inúmeros artistas brasileiros e internacionais.

Luis Gonzaga foi o compositor que popularizou a música nordestina no universo da música brasileira. Ele introduziu instrumentos de origem nordestina em seus arranjos musicais, tais como: sanfona, triângulo e zabumba para compor um gênero também do nordeste, o baião. Sua mais destaca obra é “Asa Branca”. Dorival Caymmi com sua “O que é que a baiana tem?” abriu as portas da musicalidade baiana e esta obra foi imortalizada na voz de Carmem Miranda no Brasil e no Mundo, principalmente nos Estados Unidos. Em suas obras, Caymmi fala do cotidiano baiano através de seu povo, de suas tradições folclóricas e religiosas afro-brasileiras.

Como destaque bastante acentuado na música brasileira, ainda estão: Adoniran Barbosa e Ary Barroso.

7.4. Os Gêneros Musicais Brasileiros

A Bossa nova aparece e se desenvolve na década de 60. Antonio Carlos Jobim, como compositor e João Gilberto, como intérprete são os maiores representantes. Com a instalação da Bossa Nova, outros nomes se ascendem, tais como: Vinicius de Moraes, que, em parceria com Tom Jobim compõe “Garota de Ipanema”, mundialmente famosa, interpretada, inclusive por Frank Sinatra; Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo, Nara Leão e Toquinho.

A Jovem Guarda foi um grito de liberdade dos jovens no final dos anos 60, na qual vários artistas colocaram à frente de suas manifestações culturais o rock’n roll

através da explosão da beatlemania. Seu principal representante e ídolo máximo foi Roberto Carlos.

A Tropicália também se constituiu nos anos 60 e apresenta-se como uma forte tendência musical gerada pelos cantores e compositores baianos, também denominada de “baianismo”. Na Tropicália, os compositores usavam a metalinguagem para criticar a atual conjuntura sócio-econômica e política no Brasil, resultando com isso o exílio de seus principais líderes, Caetano Veloso e Gilberto Gil nos anos 70.

7.5. Manifestações Musicais dos Anos 90

Na nossa década, existem vários estilos e tendências musicais. Há um forte movimento da cultura negra que se manifesta de várias formas: no Rap (estilo de música somente falado dentro de um ritmo), nos grandes grupos que inventam novos ritmos afro-brasileiros, como o Olodum e o Ilê Ayê, nos conjuntos de samba, tanto os que fizeram uma crítica social (e que as rádios não tocam), quanto os que usam o sucesso rápido e fácil, contribuindo para a alienação geral veiculada pelas rádios.

7.6. A Música no Paraná

A contribuição musical do Paraná não é tão destacada como os grandes centros formadores de tendências musicais como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Nosso Estado recebe as manifestações musicais do Rio Grande do Sul e as influências da música do Sudeste e Nordeste brasileiro. Mas no cenário paranaense se destacam alguns artistas que compuseram suas obras e se identificaram com as raízes implantadas no estado. Podemos citar, entre outros, Nhô Belarmino e Gabriela que divulgavam as tendências das raízes caboclas do estado, ao gravarem “As Mocinhas da Cidade”.

CAPÍTULO II

Nesse segundo capítulo, vamos discorrer sobre o aluno especial, bem como a utilização da música na aprendizagem destes educandos portadores de necessidades especiais dentro do processo de inclusão.

1. HISTÓRICO DA ARTE NO MOVIMENTO APAEANO NO BRASIL

A primeira APAE no Brasil surgiu em 1954 na cidade do Rio de Janeiro. Temos conhecimento que as atividades artísticas, tais como, dança, coral, banda rítmica e artes plásticas já eram desenvolvidas nessa época de forma não sistematizadas. Em comemorações cívicas ou sociais, essas atividades eram acentuadas com o fim de abrilhantar tais festividades.

A partir da década de 70, há registros de instituições como as APAEs de Santa Bárbara D'Oeste e São Luis do Maranhão, entre outras, que deram início a um trabalho denominado de Educação Artística, sistematizado nas áreas de dança, música e artes plásticas.

Nessa época, a APAE de Santa Bárbara D'Oeste já fazia seu primeiro festival da criança excepcional, iniciando também trabalhos de artesanato e cerâmica.

Daí, o programa de educação artística, hoje Artes – Educação, foi crescendo e valorizando outros espetáculos, com musicais infantis, onde a maioria dos alunos tinha acesso e participava dos diferentes gêneros.

Num primeiro momento, o interesse de trabalhar a arte com o portador de deficiência surgiu da observação, feita pelos profissionais, das potencialidades dos seus alunos e da necessidade de criar oportunidades para desenvolver esse potencial, reconhecendo a arte como um caminho para o desenvolvimento global do indivíduo. Inicialmente, foi trabalhado como apoio psicopedagógico e não a arte pela arte.

O processo de implantação das atividades de artes foi iniciado por profissionais sem a formação em Artes – Educação, professores e outros profissionais interessados na área.

Das quatro linguagens artísticas atualmente trabalhadas (teatro, dança, música e artes visuais) de um modo ou de outro, todas foram estimuladas. Porém, a que mais se desenvolveu foi a dança, não apenas pela facilidade do seu

desenvolvimento, precisando de poucos implementos para ser realizada, mas por se tratar de uma atividade que, de algum modo fascina a todos. Como ressalta o dito popular “o povo brasileiro nasce dançando”.

Já, o coral, a banda rítmica e outros precisam de um acompanhamento mais específico para que o educando possa perceber a intenção natural de sua participação no processo da expressão musical e corporal.

Os recursos para realizar as atividades artísticas sempre foram precárias. A maior parte das APAEs não dispõem de recursos humanos devidamente habilitados, como professores de artes, musicoterapeutas, etc. Além da falta de espaço físico e materiais específicos.

Atualmente, o programa de Arte-Educação faz parte do currículo escolar das APAEs nas diferentes linguagens já mencionadas como arte, facilitando o desenvolvimento das pessoas portadoras de deficiências.

Algumas APAEs, depois de ter trabalhado a arte como um processo, tem tido resultados sumariamente positivos com alguns alunos chegando à arte produto como forma de profissionalização e inserção social.

2. ARTE NA EDUCAÇÃO

A Música

A Educação da personalidade do educando, encarada sob seu aspecto global, tem na música o mais alto elemento de socialização e ajustamento. Ela combate a agressividade, cria meios para enfrentar o isolacionismo, desenvolve o espírito de iniciativa e a auto expressão, além de proporcionar oportunidades iguais a todos, integrando o indivíduo ao seu meio ambiente.

Pela música, a criança assimila conceitos e idéias do mundo concreto e abstrato, a acuidade auditiva e o sentido rítmico.

Na educação infantil, um dos objetivos é fazer com que a criança desenvolva sua noção e sua expressão de ritmo, ouvindo, comparando, reproduzindo e diferenciando sons, percebendo fontes sonoras, como instrumentos musicais de percussão, as vozes dos colegas e acompanhando o ritmo de trechos musicais compostos de palavras simples e melodias fáceis.

Devem ser relacionadas canções curtas com mensagens educativas e dentro das possibilidades vocais das crianças. Expressões corporais, ginásticas e dramatizações são muito apropriadas para acompanhar os cantos.

A bandinha rítmica representa uma excelente atividade na fase pré-escolar, pois dá oportunidade à criança de educar o ouvido e o senso rítmico, bem como estimular a sensibilidade musical e a capacidade de improvisar. É uma prática dirigida a todos as crianças, que a partir dos três anos começam a se interessar pelos instrumentos de percussão e acompanhamentos rítmicos.

A dança

“A dança, em minha opinião, tem como finalidade a expressão dos sentimentos mais nobres e mais profundo da alma humana: aqueles que nascem dos deuses em nós: Apolo, Pan, Baco e Afrodite.

A dança deve implantar em nossas vidas uma harmonia que cintila e pulsa. Ver dança apenas como diversão agradável é frívola, é degradá-la.”

Isadora Duncan

A dança exige uma longa formação especializada, na qual são requisitos conhecimentos da estrutura muscular e domínio das possibilidades do corpo.

A dança é uma forma primordial de comunicação expressiva, uma manifestação artística que expressa visões individuais do mundo, sentimentos humanos profundo e pulsações do inconsciente. Como tal, não pode deixar de figurar entre as atividades oferecidas aos alunos portadores de necessidades especiais. É preciso, no entanto, selecionar os tipos de danças adequadas às diversas faixas etárias, ao tipo de deficiência e suas respectivas técnicas.

A dança constitui um procedimento original da expressão humana, que deve colher um si mesma suas próprias justificativas e seus próprios métodos de trabalho. É a maneira de exteriorizar estados anímicos que contribuem para uma melhor comunicação entre os seres humanos, com a dupla finalidade: a expressão e a comunicação.

A dança é também uma forma de integração tanto individual, quanto coletiva, em que a pessoa exercita a atenção, percepção, colaboração e solidariedade. Há três aspectos artísticos que devem ser considerados:

- A dança na expressão e na comunicação humana;
- A dança como manifestação coletiva;
- A dança como produto cultural e apreciação estética.

3. EXPRESSÃO CORPORAL E DANÇA COM DEFICIENTES VISUAIS

O deficiente visual congênito desconhece todas as possibilidades gestuais, portanto, utiliza a percepção tátil e o estímulo verbal como meio para introduzi-lo no mundo do movimento. É aconselhável iniciar os trabalhos com a conceituação de ritmo e métrica que objetiva fornecer à criança conhecimentos de tempo, duração de sons através dos acentos, tempo de subdivisões rítmicas. Passamos depois a mostrar as possibilidades de articulação escápulo-umeral (articulação do ombro) e, através de percepções táteis, elevamos os braços à posição vertical, à frente do corpo. Depois que as crianças percebem estas movimentações do braço, utiliza-se somente os estímulos verbais para que executem os movimentos.

Todos esses gestos são feitos num primeiro momento, pelo professor. As crianças passam as mãos no seu corpo para conhecerem os movimentos e, então, executam-nos.

Passamos para articulação coxo-femural (articulação das pernas). Repetimos os exercícios elevando as pernas para frente, para trás, para os lados. As articulações do joelho e tornozelo também são percebidas e experimentadas. Posteriormente, todos esses movimentos são executados musicalmente. Portanto, passamos por todas as possibilidades articulares, fazendo com que o deficiente visual vivencie os movimentos ritmicamente.

As melodias escolhidas são melodias onde os acentos são bastante evidenciados facilitando a percepção dos tempos fortes e fracos. Esses primeiros movimentos são executados em posições estáticas.

Após o trabalho de conhecimento do seu esquema corporal, iniciamos os exercícios de deslocamento. Primeiramente, o caminhar ritmado, para frente e para trás, para a direita e para a esquerda, movimentos circulares e diferentes níveis.

Para ensinarmos os saltinhos com os pés alternados, amparamo-la com as mãos dadas com eles.

No princípio, os movimentos são extremamente conduzidos, porém com marcação rítmica e melodia adequada vão se tornando naturais e espontâneas.

Passamos a ensinar-lhes as construções e relaxamentos musculares. A partir daí, já conduzimos as emoções. Exemplo: estar zangado: movimento de contração; estar feliz: movimento de relaxamento.

Posteriormente, ensinamos as quatro qualidades do som: altura, duração, timbre e intensidade.

Enquanto uma criança normal é estimulada por objetos coloridos, sonoros e que se movimentam, a criança portadora de deficiência visual é motivada pela percepção tátil, olfativa e auditiva; assim, despertamos a sua curiosidade e a estimulamos para a aprendizagem.

A mobilidade do deficiente visual não pode ser apenas encarada sob o ponto de vista da aprendizagem mecanizada de exercícios ritmados que levam a uma perfeita coordenação motora. Seus rendimentos devem superar as atividades mecânicas. O importante é vincular os movimentos às atividades diárias do deficiente visual.

4. DEFICIENTE AUDITIVO E A LINGUAGEM CORPORAL E MUSICAL

Um trabalho em linguagem corporal e musical com deficientes auditivos precisa partir de estímulos palpáveis, tais como, percussão corporal nos diversos níveis: baixo, médio e alto, partindo de diferentes percussões: deitada, sentada, ajoelhada e em pé. É importante estudar a possibilidade da utilização de percussões contínuas (ostinatos), vibrações, deslocamento no espaço e ritmos das palavras corporais, produzidas por instrumentos.

O estímulo dado é copiado, em eco e em espelho, partindo de ritmos e movimentos simples, do espaço parcial, até chegar ao deslocamento em círculos espirais, linhas reatas, zigue-zague, quebradas, etc.

Maria Fux (1983), através de um trabalho de dança-terapia com crianças deficientes auditivas, chegou a conclusão que elas podem:

- Integrar-se naturalmente em um grupo de alunos ouvintes;
- Captar ritmos não audíveis e transformá-los em dança;
- Sair de seu isolamento através da dança que pode se transformar em linguagem de comunicação;
- Adquirir o conhecimento de si mesmo que lhe proporciona segurança, alegria e criatividade;
- Ensaiar uma linguagem de vocalização através da estimulação desencadeada pela ligação do movimento à palavra;

- Relacionar-se melhor nas esferas familiar e social quando de posse da linguagem do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos paradigmas estão surgindo, apontando caminhos diversos que podem construir uma sociedade cada vez melhor. A Educação musical é mais um desses caminhos capaz de transformar e contribuir para com o desenvolvimento de necessidades educacionais especiais. É preciso considerar o campo vasto e a diversidade existente na educação musical, relacionar o mesmo com a criatividade e saber lidar com as dificuldades pacientemente.

A escola que se deseja hoje é aquela cheia de compromisso com a produção e a difusão do saber, com a formação do cidadão crítico, participativo e criativo, para atender às demandas cada vez mais complexas da sociedade moderna.

Torna-se necessário uma educação que desperte o interesse dos educandos, que preencha as suas necessidades e potencialidades.

Na escola, a Arte musical existirá como disciplina e, desta forma, contará com a organização necessária para o desenvolvimento do programa estabelecido. Esta programação deverá estender-se aos alunos do ensino fundamental como instrumento de inclusão social, aqui tratado especificamente da Educação de alunos portadores de necessidades especiais.

A arte musical nos ensina que é possível realizar mudanças, ser flexível, ter influencia, originalidade, ser capaz de elaborar, avaliar e deixar dentro um grupo maior para conhecer, criar e aprender.

Sabemos que trabalhamos com limitações, mas somos conscientes do nosso trabalho em sala de aula e temos certeza que utilizando-se dos meios que a música oferece, temos condições de tornar uma criança apta a viver numa sociedade livre e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TINHORÃO, José Ramos. Pequena História da Música Popular. 1ª Ed. São Paulo: Vozes, 1998.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL DO PARANÁ – Subsídios para a Construção das Diretrizes Pedagógicas da Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Estado da Educação – Departamento de Educação Especial. Consultas da pg. 02 a 09. 2003.

SOUZA, Ana Cláudia *et alii*. Manual de Arte Educação – Uma dinâmica para o Desenvolvimento – Federação Nacional das APAEs. Brasília: 1999.